

# COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM

## ESCOLA

No. 6 - MARÇO 2013 - FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA OS PROFESSORES

**N.º1 • OUTUBRO 2012**

**A formação do professor**

**N.º2 • NOVEMBRO 2012**

**Diálogo igualitário**

**N.º3 • DEZEMBRO 2012**

**Inteligência cultural**

**N.º4 • JANEIRO 2013**

**Transformação**

**N.º5 • FEVEREIRO 2013**

**Dimensão instrumental**

**N.º6 • MARÇO 2013**

**Criação de sentido**

**N.º7 • ABRIL 2013**

**Solidariedade**

**N.º8 • MAIO 2013**

**Igualdade de diferenças**

**N.º9 • JUNHO 2013**

**Transferibilidade das  
atuações educativas  
de êxito**

## IGUALDADE DE DIFERENÇAS NAS COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM



JOSÉ J. BARBA, UNIVERSIDAD DE VALLADOLID.

Neste texto nos centraremos em desenvolver a Igualdade de Diferenças (Flecha, 1997), o princípio pelo qual se reconhece que todas as pessoas são diferentes – é precisamente isso o que nos torna iguais –, e é um dos sete princípios da aprendizagem dialógica. Pode-se considerar que é um princípio central no cuidado com a diversidade, já que se é produzido um espaço de relações, então a convivência e a aprendizagem dos alunos tornam-se melhores (Aubert, Flecha, García, Flecha & Racionero, 2011). Nas próximas linhas vou desenvolver essa ideia, a partir da minha

experiência com estudantes do magistério.

Quando eu entro nas aulas de primeiro ano do curso de Magistério para professor de Ensino Fundamental I, encontro estudantes universitários que, sem terem consciência, sabem muito sobre educação. Não pela sua formação, pois estão começando seus estudos acadêmicos, mas pela experiência como alunos nos centros educacionais: 3 anos de Educação Infantil, 9 anos de Ensino Fundamental e 3 anos de Ensino Médio. Esta trajetória vital faz com que eles tenham algumas experiências e crenças sobre as escolas que formam sua maneira de encarar a docência. Eu gosto de entender sua forma de ver o mundo da educação a partir do conceito de Sparkes

(1992) de “lentes paradigmáticas”, segundo as quais as crenças são como um cristal de óculos que permitem ver o mundo de uma forma determinada. Algumas lentes são escuras, outras com cores, outras com miopia ou com cristais pequenos, distorcendo o que está em volta... No entanto, estes óculos são a consequência de viver e interpretar nossa vida escolar. A medida que avança o curso, vamos colocando nossas visões com a finalidade de perceber as dos outros e enriquecemos com elas. Assim, aquele que só tem uma visão em preto e branco, pode enchê-la de cores; aquele que tem uma visão polarizada, descobre um mundo deslumbrante; aquele que não define bem os limites, começa a apreciar as bordas das coisas... Mas, sem a ajuda das diferentes formas de entender a educação dos outros nunca chegaríamos a compreender o mundo educativo em toda sua complexidade.

A formação de novos docentes termina sendo paradoxal pois, diferente de outras carreiras universitárias, as faculdades de educação ensinam aspectos teóricos, mas, ao mesmo tempo as situações de aprendizagem práticas são vivenciadas. Dentro desta linha, utilizamos em sala de aula as tertúlias literárias pedagógicas, onde vamos compartilhando reflexões sobre artigos científicos até integrá-los em nossa forma de entender a educação. Normalmente, depois de termos feitos meia dúzia de tertúlias, eu pergunto aos estudantes se eles acham que é uma boa forma de abordar o conhecimento científico ou se eles preferem fazer resumos e comentários críticos. Eles sempre defendem o uso das tertúlias. A razão fundamental que eles oferecem é que esse é um modo que lhes permite compreender aspectos do texto que, ao fazer a leitura, não haviam nem ao menos percebido, mas que, com seus colegas explicando, modificam sua forma de entender a educação.

Os estudantes consideram que se aprende mais com as interpretações compartilhadas, já que não limita-se à reflexão introspectiva mas também trata-se de enriquecer com os outros pontos de vista. Esta resposta me dá a base para sustentar uma nova pergunta: se dialogar com os outros permite a obtenção de mais conhecimento sobre algo, por que nas escolas o diálogo é feito apenas com a comunidade educacional? Ou, traduzindo para a metáfora das lentes paradigmáticas, seria assim: por que

nós gostamos de ver a escola somente através das lentes dos professores? A partir da qual enunciamos múltiplas questões como: a visão dos professores e professoras da escola é a mesma das famílias? Mas, todas as famílias têm a mesma visão sobre a escola? A escola poderá atender todas as crianças se somente tem a visão dos professores e professoras, ou tenderá a atender melhor as crianças e famílias que vejam o mundo como eles? Qual é o espaço que sobra para a participação da comunidade educacional quando o centro escolar tem apenas uma maneira de olhar o mundo? Então nos resta a pergunta que, do meu ponto de vista, é a que tem a chave da transformação do pensamento: como é o espaço no qual se formariam essas relações entre a comunidade educacional?

É neste momento quando compreendemos que o objetivo da diversidade deve ser orientado para a “igualdade de diferenças” (Flecha, 1977), embora isso tenha gerado a dúvida nos estudantes de que se todos participam de modo igual, como fica o papel do professor ou professora? É preciso avançar com um passo novo e entender que a autoridade não está baseada na posição hierárquica, mas na demonstração de competências assumidas pelos outros (Barba, 2009). Na fórmula “igualdade de diferenças”, igualdade refere-se a uma participação de todas as pessoas, mas diferenças propõe que cada um faça as coisas do seu modo de entender o mundo, a partir de suas lentes paradigmáticas. Não se trata de que em uma comunidade educacional de 100 pessoas, o Projeto Educativo leve 1% de cada, mas que, nesta mesma comunidade, o diálogo permita que as formas de entender o mundo das 100 pessoas encontrem presentes dentro dele. Isto só é possível se é feito o reconhecimento pelos outros através da participação do diálogo, criando uma estrutura comum na qual a diversidade seja uma fonte de riqueza que permita alcançar pontos mínimos em comum. Se não for assim, a partir do ponto de vista etnocêntrico, a diversidade poderia ser entendida como uma forma de expressar que uma cultura é superior a outra (Aubert et al., 2008), e isto implicaria que a igualdade é impor a cultura, o modo de entender a vida, considerado superior aos outros.

O modo como deve ser a construção dialógica pode apresentar dificuldades.

Não se trata de que vamos falar como o outro, mas com o outro, a partir do nosso ponto de vista. É preciso evitar o que Paulo Freire (1968/2007) denominava idiotização. O adulto não precisa imitar a criança, mudando seu tom de voz e sua forma de expressão. Este é um ato de falsa generosidade, pois não podemos nos converter no outro e menos ainda considerando só por simplificarmos as formas e a linguagem. Isto não seria um diálogo honesto. É o diálogo a partir do nosso ponto de vista, a partir das nossas formas de sentir e de expressarmos que nos permite ser pessoas autênticas e estabelecer relações honestas e sinceras.

Somente quando somos nós mesmos que falamos com honestidade e reconhecemos nossos semelhantes como pessoas necessárias para realizar coisas é quando pode-se falar em “igualdade de diferenças”. Essa é a relação que tratamos de aprender, a cada dia mais, meus estudantes e eu. Entendemos que tanto as famílias como os docentes têm o mesmo objetivo: “que a criança tenha a melhor educação com os melhores resultados”. Diante disso, por que não nos sentamos para dialogar? Comunidades de aprendizagem, a partir dos sete princípios da aprendizagem dialógica, promove a participação alcançando o êxito educativo. Se existe a solução, por que não aplicá-la?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aubert, A., Flecha, A., García, C., Flecha, R., & Racionero, S. (2008). *Aprendizaje dialógico en la Sociedad de la Información*. Barcelona: Hipatia.
- Barba, J. J. (2009). Redefiniendo la autoridad en el aula: Posibilidades para una educación democrática. *Retos: Nuevas Tendencias En Educación Física, Deporte y Recreación*, (15), 41-44. Recuperado de [http://www.retos.org/numero\\_15/retos%2015-8.pdf](http://www.retos.org/numero_15/retos%2015-8.pdf)
- Flecha, R. (1997). *Compartiendo palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Paidós.
- Freire, P. (1968/2007). *Pedagogía del oprimido [Pedagogia do oprimido]* (16aEd.). Madrid: Siglo XXI.
- Sparkes, A. (1992). Breve introducción a los paradigmas de investigación alternativos en Educación Física. *Revista Perspectivas de la Actividad Física y el Deporte*, 11, 29-33.

# IGUALDADE DE DIFERENÇAS, ROMPENDO AS BARREIRAS DA EXCLUSÃO EDUCACIONAL

ALICIA MARTÍN, VICENTE SIERRA E JORDI BOSCH/ COLÉGIO SANTIAGO APOSTOL. EL CABANYAL, VALENCIA  
WWW.SANTIAGOPOSTOLCABANYAL.ES.

Ao longo da história foram feitos inúmeros estudos com a finalidade de determinar as diferenças entre os seres humanos. A partir disso, em muitos casos, foram feitas referências à inteligência humana através de uma catalogação em certas “raças” ou “etnias” estabelecidas por relações “falsas” e com “pouco rigor científico”.

Nossa proposta educacional está encaminhada para ver estas diferenças como uma característica que forma parte do ser humano e não como uma carência na hora de poder realizar nossa tarefa como docentes. Não existem seres humanos superiores ou inferiores, dependendo da raça a que pertencem. Portanto, a igualdade de oportunidades não somente pode ser sustentada pelo critério genético mas também como um direito de todo ser humano.

Nós, como docentes, temos a obrigação de oferecer aos nossos alunos as melhores ferramentas que temos ao alcance, sempre de acordo com preceitos científicos pois é isso que dá as garantias suficientes para assegurar o êxito educacional. Pensamos que aqui está a raiz do valor que as comunidades de aprendizagem nos transmitem, pois, independentemente das características que definem nossos alunos e alunas, este modelo de escola abre um caminho novo para o êxito educacional e, portanto, para a “igualdade de diferenças”.

Santiago Apóstol é uma Comunidade de Aprendizagem, pertencente à Arquidiocese de Valencia, e atende a 176 crianças entre 3 e 16 anos de idade. Nossos alunos são compostos por 98% de etnia cigana que sofre de uma situação de grave risco de exclusão social e de marginalidade.

Estamos localizados entre o bairro El Cabanyal e o bairro Malvarrosa, de Valen-

cia. Somos um Centro de Ação Educativa Singular (CAES) desde 2001 e trabalhamos durante muitos anos com a crença de que o “currículo da felicidade” era o melhor que poderíamos oferecer para nossos alunos.

Há cinco anos começamos a trabalhar com um enfoque inclusivo e alguma coisa começou a mudar em nosso colégio. Depois de longos períodos de reflexão e discussão, conseguimos chegar à conclusão de que, se não tivermos o máximo de expectativas com nossos alunos e não abriremos o centro escolar para a comunidade, então não conseguiremos abordar com rigor a “igualdade de diferenças”.

Segundo Ramón Flecha (1997), em *Compartiendo palabras*, quando a diferença é colocada sem a igualdade, gera desigualdades. Por isso, na nossa comunidade de aprendizagem, abordamos a igualdade das diferenças quando colocamos em prática as atuações de êxito, recomendadas pelo projeto *Includ-ed* (CREA, 2012).

Há 5 anos começamos a trabalhar em algumas salas com grupos interativos. Atualmente, desde a Educação Infantil (3 anos) até os maiores, são feitas, no mínimo, duas sessões de dobradinha de grupos interativos por semana. Começamos com algumas áreas instrumentais, mas atualmente também há grupos interativos de Valencià, Conèximent Del Medi e de Música.

A maioria dos adultos que intervêm é voluntariado universitário, de ONG, estudantes de práticas de ensino e professores de apoio escolar. Nosso grande desafio é conseguir mais familiares, pois até agora foram poucas e esporádicas as ocasiões em que puderam vir os pais e as mães. Nos grupos interativos, o tutor ou tutora prepara quatro atividades que são feitas pelos grupos heterogêneos de forma dialógica. Ao finalizar a sessão, é feita uma pequena assembleia para refletir sobre a convivência, o processo e o que foi aprendido.

Por outro lado, em várias classes esta-

mos fazendo as tertúlias literárias dialógicas com um livro clássico universal, Alice no país das maravilhas, pois foi o fio condutor da nossa festa do sonho. Em outras classes já começaram com outros clássicos como Dom Quixote.

Sonhamos há 5 anos e no último dia 6 de novembro de 2012 voltamos a sonhar com toda a comunidade de aprendizagem junta. A partir deste sonho, organizamos três comissões mistas de trabalho e, depois de muitos esforços, podemos afirmar que uma delas já é completamente mista e várias mães do centro educacional estão envolvidas em uma relação de igualdade com os professores, alunos e voluntários. Isto nos dá forças para conseguir as três comissões. Sabemos que, para que os familiares continuem participando da vida do centro educacional e sentindo que é seu, é fundamental fazer uma boa formação que responda aos interesses e necessidades. Atualmente uma ONG está fazendo, no colégio, uma formação do curso teórico de habilitação para conduzir para as mães e, com essa desculpa, montamos um pequeno grupo de alfabetização. Todas as terças-feiras cerca de vinte mães frequentam o Centro da Tarde, não somente do colégio, mas também está aberto para gente interessada do bairro que pode deixar seus filhos e filhas na biblioteca tutorada enquanto estudam o manual para conduzir ou fazem os simulados dos testes nos computadores. É uma atuação concreta que está funcionando e nos dá ânimo para continuar por este caminho.

Semanalmente entram no centro educacional em torno de 50 voluntários que tornam a vida do espaço mais dinâmica, criando novos espaços de aprendizagem e convivência, tanto para os alunos como os professores. Criamos convênios de práticas de ensino com várias universidades nos últimos anos, assim como convênios de colaboração com diversas ONGs. Graças a tudo isso podemos manter aberta a



biblioteca tutorada no recreio, na hora do almoço e todas as tardes, até uma hora e meia depois da saída. Além disso, a atuação de êxito baseada na ampliação do tempo de aprendizagem foi transferida para os nossos ex-alunos que cursam o Técnico de Magistério na região, oferecendo-lhes o colégio dois dias por semana para que apliquem o programa Integra da fundação Secretariado Cigano, onde recebem tutoria e contam com apoio educacional. Assim, fora da atuação de êxito, mas fundamental neste processo, os alunos recebem uma bolsa de materiais e livros através da ONGD Cooperação Internacional.

Atualmente, em todo Ensino Fundamental, estão sendo trabalhados todos os níveis determinados pela lei. Ficam mais atrás as séries em que os grupos flexíveis e os manuais didáticos de 2 ou 3 séries menores poderiam ser vistos em qualquer série do Ensino Fundamental. Este é o nosso maior êxito, pois trata-se de um fato sustentado e objetivo.

No ano letivo passado, aplicamos as próprias provas de diagnóstico pela pri-

meira vez no Ensino Fundamental e neste ano vamos aplicá-las novamente. Sabemos que não é suficiente trabalhar só com os níveis determinados pela lei. Temos, diariamente, como objetivo principal que os níveis, além de serem trabalhados, que sejam alcançados. As expectativas máximas são as bases deste edifício que estamos construindo entre todos e todas, pouco a pouco.

A quantidade de alunos matriculados no centro educacional vem crescendo durante os últimos anos letivos, 2009-2010: 42 alunos e alunas na Educação Infantil (Ed. Inf.) e 85 no Ensino Fundamental (E.Fund.); 2010-2011: 34 na Ed.Inf. e 93 no E.Fund.; 2011-2012: 42 na Ed.Inf. e 100 no E.Fund.; 2012-2013: 48 na Ed.Inf. e 109 no E.Fund. Este é outro fato objetivo que faz pensar que as coisas estão funcionando e dá mais ânimo para continuar. E, sobretudo, é um indicador de que a relação com as famílias tem melhorado, pois os alunos novos que vão chegando, na maioria dos casos, são recomendados pelas famílias do nosso colégio.

Quanto à formação, para este ano letivo, propusemos três eixos: os dois primei-

ros são o modelo dialógico de convivência e um intercâmbio de experiências com outra comunidade de aprendizagem que esteja com o projeto já consolidado e com bons resultados; e a revisão de todas as atuações de êxito que estamos concretizando para corrigir os erros e refletir.

O terceiro eixo é um tertúlia pedagógica da Pedagogia do Oprimido, do Paulo Freire (2007), onde intervêm os professores, o voluntariado e o pessoal de práticas de ensino. Esta tertúlia tem sido uma esperança e está ajudando a poder refletir sobre nossa tarefa diária na comunidade, a partir do respeito.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CREA (2012). Actuciones de éxito en las Escuelas Europeas. Madrid: MEC
- Flecha, R. (1997). Compartiendo palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós.
- Freire, P. (2007). Pedagogía del oprimido (16a Ed.). Madrid: Siglo XXI.

## IGUALDADE DE DIFERENÇAS E DIVERSIDADE CULTURAL

DANIEL IZQUIERDO CLAVERO/ PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL I. JOSÉ ANTONIO CAZORLA/ PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL I, TUTOR DE "AULA D'ACOLLIDA" E SECRETÁRIO. MIQUEL CHARNECO OSETE/ DIRETOR. ESCOLA "JOAQUIM RUYRA DE L'HOSPITALET DE LLOBREGAT".

A viagem empreendida pela Comunidade de Aprendizagem Joaquim Ruyra já há quatro anos nasceu com o objetivo primordial da inclusão da diversidade na prática educacional diária da escola. Localizada em pleno coração de um bairro de operários do "L'Hospitalet de Llobregat", conhecido como "La Florida", é um bairro de origem raigambre migratória, originalmente murciana, e há tempos tem uma parte sulamericana, outra vindo do Magrebe e também indo-paquistã.

Quando começou a erguer-se como Comunidade de Aprendizagem, nossa escola era de quase duas linhas na qual, como pode ser deduzido de um contexto social, cultural e econômico como o nosso, cabiam alguns aspectos para melhorar.

Imersos sempre na busca pelas melhores práticas para o centro educacional, a cada ano participamos de um ou mais cursos de formação. Ao finalizar um desses cursos que tratava sobre o trabalho em grupos cooperativos, tanto o formador como os professores e professoras perceberam que os nossos alunos precisavam de outra coisa. Abriu-se, então, uma perspectiva de transformação. O mesmo formador, Josep Sala, nos colocou em contato com o pessoal da Universidade de Barcelona e com outros centros educacionais que já haviam experimentado o processo de transformação em Comu-

nidade de Aprendizagem, como a escola Maré de Deu, de Montserrat de Terrassa, ou a escola Marta Mara, de Vendrell. Ali observamos e participamos de diversas atuações de êxito que eles já concretizavam: grupos interativos, tertúlias literárias dialógicas, bibliotecas tutoradas...

A partir dos diferentes cursos de formação surgiram dois aspectos. O primeiro foi a conscientização como educadores e educadoras sobre o peso centrífugo e indiscutível do capital humano (espírito que animava Joubert) de cada um dos membros que integravam a comunidade educacional (alunos, monitores, familiares, entidades colaboradoras, Prefeitura, Departamento de Educação, professores...). O segundo foi que nos sentíamos inspirados, como já foi dito, pela experiência prévia de outros colegas que já haviam implementado, em seus centros

educacionais, o processo de transformação em Comunidade de Aprendizagem autenticado pela comunidade científica, por membros destacados como a equipe do CREA da Universidade de Barcelona. Em nosso centro educacional, tendo sempre presente estes princípios fundamentais da aprendizagem dialógica, alçamos vôo nesta aventura de transformação que até hoje não finalizamos.

Desde o momento em que o centro educacional viu a necessidade de desenvolver um plano estratégico, lá pelos anos 2002-2003, para melhorar as habilidades de nossos alunos e alunas nas áreas instrumentais, até os nossos dias, já passamos de 17,5% de alunos de origem estrangeira e 82,5% de origem nacional para 84% de estrangeiros e 16% de alunos nativos. Nos últimos dez anos, focando em favorecer a aquisição das competências básicas de nossos alunos, em melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem e de fomentar as relações da escola com o entorno para promover a coesão social, havíamos desenvolvido diferentes projetos de inovação: Projeto de bibliotecas Punt-Edu (2005-2006), Projeto de novas tecnologias TIC (2006-2009), Projeto de línguas estrangeiras (2007-2010), Projeto de conhecimento do entorno: Conhecer o entorno para respeitá-lo e estimá-lo (2002-2003), Projeto de Revista escolar Rodamón (2006-2007). Foi a partir de 2009 que empreendemos o processo de transformação em Comunidade de Aprendizagem. Desde então não somente mantivemos as boas porcentagens de resultados que já obtínhamos nas provas de competências básicas, mas também melhoramos em alguma área, apesar do aumento da diversidade de nossa população escolar. A título de exemplo, no ano letivo de 2008-2009, antes de começar o processo de transformação em comunidade de aprendizagem, a porcentagem de aprovados em Língua Catalã era de 68,3%; em Língua Castelhana era de 94,6% e em Matemática era de 78,8%. No ano letivo de 2011-2012, aprovaram nos exames de Catalão 83,3% dos alunos; de Castelhana foi 85,7% e de Matemática 83,3%.

Atualmente, estão sendo feitos os grupos interativos em diferentes níveis escolares, desde a Educação Infantil; fazemos as tertúlias literárias desde os últimos anos do Ensino Fundamental (e no



próximo ano letivo vamos estender para os primeiros anos); são feitos cursos de formação para familiares; fórum de cinema com famílias, etc.

Colaboramos apenas com entidades locais como El Esplai La Florida, que fornece tudo o que é relacionado com o café da manhã e o refeitório escolar. Formamos parte do Plano de Entorno Municipal, fomentado também pelo Gobierno de la Generalitat, mediante o qual nossos alunos se beneficiam com Oficinas de Estudo Assistido quando terminam o período curricular, entre outras atividades.

Neste momento estamos fazendo um curso de formação para potencializar a formação e a participação das famílias na Comunidade de Aprendizagem e, para o próximo ano letivo, estamos avaliando a possibilidade de fazer um curso de formação à prevenção e resolução de conflitos a partir dos princípios da aprendizagem dialógica.

Como centro educacional formador de professores em práticas de ensino, constantemente dispomos de estudantes de Magistério que ajudam a fazer os grupos interativos e muitos deles, quando acabam suas atividades, voltam para o centro educacional como voluntários. O Instituto Eduard Fontseré, vizinho à escola, colabora com os alunos mediante outro tipo de projeto sobre aprendizagem-serviço. Professoras aposentadas,

estudantes de Pedagogia sem trabalho, familiares, etc., ajudam em nosso empenho constante de abrir a escola para a comunidade e colocar o bairro dentro da escola; para que seja um espaço integrador das diferentes culturas, sempre com o objetivo máximo de conseguir a excelência no processo de ensino e aprendizagem de nossos alunos.

Partindo dessa ideia, os membros da comunidade educacional da Escola Joaquim Ruyra cuidam muito para que se torne realidade a “igualdade de diferenças”, entendida como uma oportunidade para aproveitar a riqueza pessoal e cultural de todos os nossos alunos e de suas famílias, independentemente de sua procedência. Este afã por conseguir o êxito educacional de todos e todas, respeitando as diferenças, faz de nossa escola um lugar propício para o desenvolvimento e implementação de todas aquelas experiências que propõem as comunidades de aprendizagem, tentando servir de exemplo para outras escolas da Catalunha, e para que seja estendida cada vez mais a maneira de trabalhar própria de nossos centros educacionais.

Temos ainda muito caminho pela frente, mas ter assentado bem as bases da aprendizagem dialógica vai nos ajudar a melhorar, dia a dia, na busca pela igualdade de oportunidades para todos os nossos alunos.

## AS COMISSÕES MISTAS EM “CAN BESORA”

MIREIA OLIVA/ CAN BESORA.

Como é bem conhecido, um dos elementos fundamentais e imprescindíveis das comunidades de aprendizagem é a participação de toda a comunidade educacional: familiares, professores e professoras, estudantes de prática de ensino, ex-alunos/as... todas estas pessoas trabalham com um objetivo comum: que as crianças consigam desenvolver ao máximo as competências básicas que devem facilitar a convivência em sociedade. Dessa maneira, é imprescindível que a aprendizagem seja dialógica, para permitir que o aluno interaja com pessoas em âmbitos bem diversificados. Esta é nossa premissa básica na escola e pensamos que, com força de vontade e esperança, estamos conseguindo.

Em nosso centro educacional, a participação das famílias é decisiva e educativa. Por um lado, é decisiva porque elas participam dos processos de tomada de decisão, conjuntamente com docentes e pessoas responsáveis que pertencem à comunidade educacional. A educação é coisa de todos e todas, e é preciso que as pessoas que tenham contato direto com as crianças tenham um espaço onde compartilhar o interesse na aprendizagem de excelência e em que as crianças recebam a maior quantidade de estímulos possíveis. Por outro lado, no âmbito educacional, também participam as famílias, organizando atividades conjuntamente com a equipe docente e propondo atividades fora do horário letivo.

Sem a participação e o envolvimento das nossas famílias, nosso projeto de Comunidades de Aprendizagem não teria continuidade e não estaríamos onde estamos. Acreditamos que, quando as pessoas formam parte de um projeto, elas se identificam como protagonistas na educação de seus filhos e filhas, na gestão do centro educacional e, por extensão, em uma vida comunitária melhor.

Nossa escola teve seu início há nove anos letivos. Inicialmente, abriram dois grupos de crianças de 3 anos de idade com três professoras. Durante estes nove anos passamos a ser uma equipe de 30 pessoas com a dificuldade de que, até o momento, há poucas vagas definitivas e que as três pessoas que começaram o projeto já não estão mais na escola. Esta grande movimentação foi sendo compensada pelas famílias que participam de forma voluntária, pois sem a sua participação nós não seríamos agora o que somos. Nossos voluntários e voluntárias (temos uns 100 para o total de 480 alunos no ano letivo de 2012-2013), podem participar de muitos momentos: espaços na Educação Infantil; grupos interativos no Ensino Fundamental; saídas ou excursões; atividades pontuais de sala de aula; pais e mães que ensinam outros familiares sobre algum assunto ou matéria em que são especialistas; professores e professoras, familiares e voluntariado das comissões mistas.

Consideramos que as comissões mistas de trabalho são uma boa forma de incentivar a participação para quem não pode ou não quer participar diretamente na sala de aula e, assim, abrimos a possibilidade de que colaborem na gestão e organização do centro educacional.

Atualmente, na escola, temos várias comissões mistas:

- Comissão mista de extracurriculares: organizar, propor e fazer a gestão das atividades extracurriculares que o centro educacional oferece. A comissão se reúne quando é necessário. Atualmente somos a escola que realiza mais atividades extracurriculares de toda a região.

- Comissão mista de biblioteca: esta comissão organiza atividades e oficinas na biblioteca da escola, tanto no horário letivo como fora dele.

- Comissão mista de ambientação: colabora com a organização de eventos e festas que realizamos. Ocupa-se principalmente de decorar a entrada da escola. Durante este ano letivo buscamos um

fiador que permite relacionar as diferentes ambientações e, assim, é possível unir algum ambiente aos projetos de cada sala. É uma comissão que tem muito trabalho em momentos concretos e, por este motivo, a escola fica aberta para toda a comunidade educacional um sábado por trimestre para, entre todos e todas, fazer a decoração da entrada.

- Comissão mista de comunicação (voluntariado e “ecopares”): realiza e faz a gestão dos meios de comunicação entre a escola e as famílias. Estão encarregados de elaborar uma revista periodicamente com as novidades mais importantes, uma pequena entrevista a algum membro da comunidade educacional, um calendário, um espaço destinado a elaboração de artigos pelas crianças... Este ano letivo introduzimos os alunos de 5o. ano como produtores da revista e os familiares vêm fazer uma oficina toda sexta-feira com estes alunos que se tornam jornalistas. Também é feita a gestão da página web da escola e dos blogs: atualizam a página, colocam vídeos, ensinam os professores e professoras que não sabem utilizar estes recursos, etc. Os chamados “ecopares” formam uma pequena subcomissão que organiza e realiza atividades em relação ao meio ambiente.

- Comissão mista econômica: faz a gestão dos assuntos econômicos relacionados com a cota que cada aluno e aluna paga, elabora e faz a manutenção dos orçamentos de material, saídas pedagógicas, gestão de bolsas e os auxílios concedidos às famílias, etc.

- Comissão gestora: é formada por representantes de toda a comunidade educacional, com professores e professoras, pais e mães, delegados representantes das diferentes classes, uma pessoa da administração local. A função principal é a de debater e aprovar os assuntos relacionados com o funcionamento e a organização do centro educacional: o projeto educativo, o memorial anual, a carta de compromisso, as normas de organização, orçamento e rendição



de contas, etc. Os membros desta comissão são eleitos para um período de quatro anos, mas a cada dois anos convocam-se eleições para renovar a metade da comissão.

Esta organização em comissões mistas pode parecer complexa mas não é; ao contrário, permite dividir as tarefas e propor novas. Este funcionamento per-

mite o envolvimento de todas as pessoas que formam parte da escola, enriquecendo o centro educacional pela igualdade de suas diferenças.

## A IGUALDADE DE DIFERENÇAS NO CEIP HIPÓDROMO

JUAN JOSÉ MONTAÑÉS RUIZ/ DIRETOR DO CENTRO EDUCACIONAL. VICTOR MANUEL GARCÍA GAMERO/ CHEFE DE ESTUDOS. CEIPS HIPÓDROMO, MELILLA.

Nosso centro escolar, o CEIP Hipódromo de Melilla, tem somente uma linha de Educação Infantil e de Ensino Fundamental. A procedência dos alunos é bem diversificada devido ao fato de contar com alunos procedentes do entorno próximo (20%) e de outras regiões bem mais afastadas e desfavorecidas (80%) e, por isso, o nível socioeconômico e cultural das famílias poderia ser considerado, globalmente, como médio-baixo. O grau de diversidade e heterogeneidade nos diferentes grupos-classe apresenta uma proporção alta em relação a média (de 30 a 32 alunos). Culturalmente, predominam as duas maiores religiões da cidade: cristãos e muçulmanos, estando ambas perfeitamente integradas, sendo que observa-se um aumento progressivo da segunda.

Detectamos que o nível de formação e informação das famílias estava condicionado significativamente pela procedência do entorno em que elas se desenvolvem, por isso apresentavam carências e demandas que afetavam gravemente o nível de participação e de envolvimento na dinâmica geral do centro escolar. Devido a isso decidimos empreender diversas ações entre as quais incluía a transformação em Comunidade de Aprendizagem. Dessa forma, buscando a superação das desigualdades e a implementação dos valores que contém nosso Projeto educacional de centro escolar (como o respeito, a solidariedade, cooperação, tolerância, esforço, coeducação e a



inter e multiculturalidade), estabelecemos recentemente uma Comunidade de Aprendizagem e começamos a trabalhar com os grupos interativos e as tertúlias literárias dialógicas. Todas as nossas ações para conseguir a igualdade respeitando as diferenças estão incluídas no Plano de Êxito Escolar e no Projeto de contratos-programa.

Em nossa cidade, contamos com muçulmanos, cristãos, judeus, hinduístas, ciganos e, nos últimos tempos, chineses. Consideramos que as fronteiras geográficas já não podem ser um freio para a influência da cultura na solução de problemas sociais, especialmente dentro da mesma cidade. Em nosso centro escolar, graças à diversidade cultural, nosso desafio é contribuir para a aproximação dos membros da comunidade escolar a essas culturas, potencializando e fomentando o conhecimento compartilhado da filosofia e essência de cada uma, expondo uns aos outros – cada pessoa em seu momento – o signi-

ficado de seus principais atos e tradições culturais. Com isso pretendemos alcançar objetivos como dar mais valor à diversidade humana, viver a diversidade como algo prazeroso e realizar atividades conjuntas. Estas atividades são verdadeiras festas culturais de diferenciação e reconhecimento, de reafirmação da sua própria identidade cultural. Também pretendemos propiciar a identidade social das crianças em seu entorno; conhecer as características históricas e sociais da cidade, tomando como base os diferentes grupos culturais e comunicar o que foi aprendido para o restante da comunidade educacional da cidade.

As diferenças que podem ocorrer em nosso centro escolar aludem a componentes endógenos e exógenos à realidade educacional de nossa cidade, ao entorno sociocultural e econômico de procedência, aos fatores intrínsecos e extrínsecos que condicionam as famílias e às características do próprio centro educacional. Para

conseguir o necessário grau de igualdade nestas diferenças, nossa comunidade educacional implementou, a partir de seus diferentes setores, diversas atuações. Um pilar fundamental é o fomento à participação e envolvimento de todos os setores que conformam a comunidade educacional, fundamentadas na valorização igualitária de todas as contribuições e atuações que se concretizam por qualquer de seus membros, com a intenção de melhorar e/ou modificar aqueles aspectos que sejam considerados necessários, assim como propicia o trabalho de Comunidade de Aprendizagem.

Além disso, formamos cinco grupos de trabalho que coordenam e planejam as diferentes atuações e atividades integradas naqueles aspectos determinados como relevantes na ação educacional, cultural e social que deve ser implementada em nossa instituição educacional, tais como o fomento à leitura, a escola de pais, a imersão linguística, o reforço e o apoio educativo e a comunicação em língua inglesa.

Em relação à formação e informação dos membros da comunidade, são oferecidas palestras, colóquios e conferências sobre aqueles assuntos que são considerados relevantes em função das necessidades e

demandas que são apresentadas pela nossa realidade educacional, cultural e social. Além disso, utilizamos os recursos bibliográficos e audiovisuais da nossa biblioteca (Bibliobus), facilitando seu uso e empréstimo para atender e facilitar as inquietudes formadoras e informadoras que demandem os diversos setores da comunidade educacional.

Para melhorar a educação de todos os membros da comunidade educacional, realizamos vários programas incluídos no Projeto de Ação Educativa, Social e Cultural para a Igualdade de Oportunidades que estão relacionados com a extensão do tempo de aprendizagem ou a formação de familiares contando com a ação coordenada dos profissionais do centro escolar, do pessoal pertencente aos Planos de Empleo, e do pessoal das Práticas de Empresa ou os alunos da Faculdade de Ciências Humanas.

Um grande desafio foi obter o Projeto da Biblioteca do Centro. Isto era algo complicado devido à falta de espaço, até que se encontrou uma solução: o Bibliobus. Essa ideia de colocar um ônibus no meio do pátio do colégio, em princípio, foi visto como uma ideia sem pé nem cabeça e com pouco futuro; mas, com o tempo, tornou-se realidade e conseguimos ter uma bibliote-

ca no colégio. De fato, converteu-se na espinha dorsal de todas as atividades e atos culturais do centro escolar. Graças a isso, propusemos atingir uma série de objetivos que consideramos básicos para o processo de ensino/aprendizagem de nossos alunos, tais como fazer com que todos e todas tenham as capacidades básicas para obter e usar uma grande diversidade de informação, recursos e serviços; garantir o acesso a uma ampla gama de informação, recursos e serviços; habitá-los a utilizar as bibliotecas com finalidades educativas, informativas, formativas, recreativas e de educação permanente; e, por que não, aproximar a biblioteca e deixá-la aberta para toda a comunidade escolar do centro educacional e, mais para frente, para os cidadãos do entorno mais ou menos próximo.

Como consequência da incorporação do princípio da igualdade de diferenças em nosso centro educacional e através das atuações que concretizamos, percebemos que melhorou sensivelmente em muitos aspectos que contemplam o desenvolvimento dos diferentes processos de ensino/aprendizagem, melhorando a qualidade da educação que oferece no centro escolar e o nível de satisfação de todos os setores que formam nossa comunidade educacional.



ESCOLA. Diretor: Pedro Badía. Redatora Chefe: Loca García-Ajofrín. Redação: Pablo Gutiérrez del Álamo e María Piedrabuena.

Assinaturas e Atenção ao Cliente: C/Collado Mediano, 9 - 28230 Las Rozas (Madrid) - Telefone: 902 250 510 - Fax: 902 250 515

Edição: WOLTERS KLUWER ESPAÑA, S.A. [www.wke.es](http://www.wke.es) Conselheiro Delegado: Salvador Fernández. Diretor Geral: Eduardo Garcia. Diretora de Publicações: Carmen Navarro. Depósito Legal: M-50-929-2007. ISSN: 1888-2781.

Paginação: María Piedrabuena

Coordenação: CREA-UB

Elaboração:

## ESCUELA



Tradução: Gabriela Doll Ghelere

